

LICÃO 02 – O PROPÓSITO DOS DONS ESPIRITUAIS

Subsídio elaborado por Inacio de Carvalho Neto.
E-mail do autor: ibcneto@inaciocarvalho.com.br.

Comentários iniciais:

Conceito de dons:

- Dons são dádivas, favores imerecidos que Deus concede aos homens que estão dispostos a servi-Lo. O Espírito Santo se manifesta na igreja por meio dos seus dons. É pelos dons que sentimos a presença do Espírito Santo na igreja.
- Já de início, devemos deixar claro que os dons devem ser buscados pelos cristãos. Paulo deixou claro em 1Co. 12.31: “procurai com zelo os melhores dons”. E mais adiante ele reforça (1Co. 14.12): “Assim, também vós, como desejais dons espirituais, procurai sobejar neles, para a edificação da igreja”.
- Os cristãos de hoje têm negligenciado a busca pelos dons espirituais. Muitos estão mais preocupados em procurar a prosperidade material. Mas o verdadeiro cristão deve se esforçar em receber os dons espirituais; e não deve se contentar com um apenas; deve buscar sempre mais e melhores dons.
- Outra observação inicial a fazer é que Paulo começa a falar do assunto dos dons dizendo que não queria que eles fossem ignorantes a respeito (1Co. 12.1). Ou seja, é sempre importante que o crente seja instruído sobre todos os temas da sua vida cristã. O cristão deve sempre estudar a Bíblia e procurar aprender cada vez mais. Pessoas que se dizem espirituais e são anti-intelectuais, arredios ao estudo das Escrituras, na verdade não têm nada de espirituais.

Propósito dos dons:

- Deus é um Deus de propósito; Ele não faz nada sem propósito, sem motivação; e muito menos com propósitos ruins. Seus propósitos são sempre bons. Portanto, não é sem propósito que Deus dá os dons aos crentes, e muito menos com maus propósitos. A distribuição de dons na igreja é sempre com os melhores propósitos. Lembremos de Salomão, que disse que “há tempo para todo o propósito debaixo do céu” (Ec. 3.1).
- Demonstrações do “poder de Deus” sem nenhum propósito divino não são verdadeiras derivações dos dons espirituais. A transformação de um dente em dente de ouro, por exemplo, ou a unção do “cai-cai”, ou o “cair no Espírito”, ou a “risada santa”, ou qualquer outra “neobobagem pentecostal” não demonstram qualquer propósito divino, servindo tão somente para o engrandecimento de uma ou outra pessoa, normalmente acompanhado de algum interesse financeiro. Se não há propósito divino (se não promove a unidade do povo de Deus ou seu crescimento espiritual), não é dom do Espírito.

- Ao constatar o mau uso dos dons espirituais na igreja de Corinto, Paulo fez questão de dar o ensino que deu sobre o assunto nos capítulos 12 a 14 de 1Co. Imaginem se Paulo vivesse hoje em nosso meio e visse tanta bobagem sendo chamada de dom espiritual por aí!

- Os dons espirituais devem ser úteis à obra de Deus (1Co. 12.7: “Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil”). Portanto, o propósito dos dons espirituais é edificar e unir a igreja, fortalecendo-a. E mais adiante Paulo deixa o propósito de edificação da igreja: “Assim, também vós, como desejais dons espirituais, procurai sobejar neles, para a edificação da igreja” (1Co. 14.12).

- Paulo ainda reforça em 1Co. 14.26: “Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. **Faça-se tudo para edificação**”. Os dons são presentes de Deus para nós, mas não para quem os recebe propriamente, e sim para a igreja como um todo.

- Não há manifestação genuína do Espírito Santo que não sirva para o bem da igreja, que não faça a igreja se aproximar ainda mais do Senhor Jesus, que não faça a igreja glorificá-IO, aprender dEle, lembrar daquilo que Ele nos ensinou, nos fazer trilhar pelo caminho da verdade.

- Lembremos que a primeira manifestação dos dons espirituais na igreja, que foi a cura do coxo na Porta Formosa do templo de Jerusalém (At. 3), trouxe como resultado a conversão de cerca de 2.000 almas (quase duplicou o número de membros – At. 2.41; 4.4), bem como o renovo espiritual de toda a igreja em Jerusalém, com o revestimento de poder daqueles que haviam crido após o dia de Pentecostes, que resultou num maior impulso à evangelização (At. 4.31).

- Quando resulta de um propósito divino, os dons espirituais surgem sempre sob a perspectiva do serviço. Como os dons são dados pelo Senhor aos Seus servos, eles somente podem ser exercidos para fins de serviço.

- Falar de propósito de Deus é falar daquilo que Ele determinou fazer, aquilo que Ele escolheu fazer e revelar aos Seus servos. Neste propósito estabelecido por Ele encontra-se a diversidade de dons, ministérios e operações, como Paulo diz em 1Co. 12.4-6 (“Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos”), pois Ele quis formar um só corpo (Ef. 4.4), já que há um só Espírito, um só Senhor e um só Deus (Ef. 4.5-6), mas uma unidade que demonstra a Sua infinitude. Por isso, em meio a essa unidade, existe uma multiplicidade de membros (à semelhança do corpo humano, que é um, mas com multiplicidade de membros e órgãos).

- Essa diversidade já começa na própria existência de atividades distintas: dons, ministérios e operações. Os dons, a cargo do Espírito Santo (1Co. 12.4); os ministérios, a cargo do Senhor Jesus (1Co. 12.5); e as operações, a cargo do Pai (1Co. 12.6). Deus é um Deus Trino, portanto, é um só Deus, mas em três Pessoas, reedita na igreja essa unidade com diversidade: é um só corpo, com várias funções.

Requisitos para receber os dons:

- Para recebermos os dons, precisamos ter fé (Rm. 12.6); as dádivas de Deus só podem ser recebidas pela fé mediante a ação do Espírito Santo (Gl. 3.5; Hb. 10.38).

- É preciso ser batizados com o Espírito Santo para receber os dons? No Velho Testamento ainda não havia batismo com o Espírito Santo e muitas pessoas receberam dons do Espírito. Hoje, no entanto, aparentemente, o dom é concedido apenas a quem já foi batizado.

- Mas é preciso deixar claro que não há qualquer merecimento naquele que recebe o dom espiritual; ele é concedido pela graça de Deus, não porque merecemos; não é uma chancela de que somos mais espirituais que os outros; ver 1Co. 12.11 (“repartindo particularmente a cada um como quer”).

Lista de dons:

- O texto básico a este respeito está em 1Co. 12.8-10: “Porque a um, pelo Espírito, é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência; e a outro, pelo mesmo Espírito, a fé; e a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar; e a outro, a operação de maravilhas; e a outro, a profecia; e a outro, o dom de discernir os espíritos; e a outro, a variedade de línguas; e a outro, a interpretação das línguas”.

- O texto arrola aí 9 tipos de dons (não são 9 dons, como se costuma falar, são 9 tipos de dons, pois alguns desses tipos abarcam vários dons).

- A grande questão a este respeito é: este texto é taxativo? Em nenhum momento Paulo diz que são apenas estes 9 os dons espirituais. Na verdade, o Espírito Santo é uma pessoa infinita e tem uma provisão infinita de dons para atender a cada necessidade. Podemos pensar, por exemplo, no dom de ajudar (ou dom de socorrer) que algumas pessoas têm: uma manifestação sobrenatural do Espírito na vida de alguém com o propósito de socorrer os necessitados, por exemplo.

- Há outra lista de dons no mesmo capítulo (1Co. 12.28-30), que são chamados de dons ministeriais: “E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente, apóstolos, em segundo lugar, profetas, em terceiro, doutores, depois, milagres, depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas. Porventura, são todos apóstolos? São todos profetas? São todos doutores? São todos operadores de milagres? Têm todos o dom de curar? Falam todos diversas línguas? Interpretam todos?”. Semelhantemente, em Ef. 4.11.

- Em Rm. 12.6-8 há outra lista, não tão completa e que mistura dons espirituais com dons ministeriais: “De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada: se é profecia, seja ela segundo a medida da fé; se é ministério, seja em ministrar; se é ensinar, haja dedicação ao ensino; ou o que exorta, use esse dom em exortar; o que reparte, faça-o com liberalidade; o que preside, com cuidado; o que exercita misericórdia, com alegria”.

- Ainda que considerássemos a lista de 1Co. 12.8-10 taxativa, temos que observar que um dos dons está referido como “dons de curar”, no plural, portanto, sugerindo que há mais de um dom de curar; então, os dons não são apenas nove.

- Mas o fato de a lista não ser taxativa não quer dizer que possamos incluir qualquer coisa na lista como dom espiritual, sem respaldo bíblico; para ser dom espiritual, tem que provir do Espírito Santo e trazer à Igreja confirmação da pregação do Evangelho, edificação espiritual, consolação, exortação e um maior envolvimento da igreja com o Senhor e Sua obra.

- Note-se que não existe “dom de revelação”, “dom de visão” etc.; o chamado “dom de revelação”, na verdade, é o dom da palavra da ciência, mas não se confunde com adivinhações;

Deus abomina a adivinhação; a revelação de fatos ocultos tem apenas o propósito de edificar a Igreja, jamais de envergonhar alguém; o chamado “dom de visão” na verdade não tem nenhum respaldo bíblico.

Os dons não são para elitizar o crente:

- Paulo fundou a igreja de Corinto em sua segunda viagem missionária (At. 18.1-18), lá tendo permanecido “muitos dias” (At. 18.18). Por isso, Paulo conhecia a igreja. E por conhecer a igreja de Corinto, Paulo pôde afirmar a eles que “nenhum dom vos falta” (1Co. 1.7). Observar que Paulo só fez essa observação para a igreja de Corinto, nenhuma outra.

- Mas, apesar de todos os dons que possuía, Corinto era uma igreja carnal e imatura (1Co. 3.1,3), que tinha uma série de problemas. Uma igreja onde predominavam a inveja, a contenda, dissensões diversas, o partidarismo, e que até acobertava iniquidades graves (1Co. 5.13).

- Como pode isso? Como uma igreja tão carnal, tão imatura, tão cheia de problemas, pode ao mesmo tempo ser repleta de dons espirituais? Fica aqui uma lição importante para aprendermos: a presença dos dons espirituais não é sinal de superioridade espiritual, não significa que aquele que os possui é mais santo do que os demais.

- Os dons do Espírito são concedidos pela graça de Deus, não os recebemos por méritos próprios, mas pela bondade e misericórdia de Deus. Não são, portanto, garantia de espiritualidade genuína. Aliás, o texto de Mt. 7.22-23 (“...não profetizamos nós em teu nome?...em teu nome, não fizemos muitas maravilhas?”) é indicativo de que é possível ter dons sem sequer ser crente de verdade.

- Se não recebemos os dons por mérito próprio, em consequência, eles não podem nos fazer nos sobrepormos aos outros, como se fôssemos melhor do que o outro que não tem dom, ou que não tem o mesmo dom. Os dons são dados para servir aos outros, não para subjugar os outros. Portanto, quem tem mais dom deve servir mais, não se achar melhor que os outros.

- Jesus deixou isso claro quando os discípulos disputavam qual deles seria o maior, dizendo que na igreja há uma situação contraditória: o maior deve servir ao menor (Mt. 20.25-28; Mc. 10.42-45).

- Ele próprio exemplificou isso quando lavou os pés dos Seus discípulos (Jo. 13.12-15: “Depois que lhes lavou os pés, e tomou as suas vestes, e se assentou outra vez à mesa, disse-lhes: Entendeis o que vos tenho feito? Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque eu o sou. Ora, se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também”).

- Lavar os pés era trabalho de um escravo do anfitrião da casa. Por isso Pedro se recusou inicialmente a ter seus pés lavados por Jesus, pois considerava isso muita humilhação para o Seu Mestre. Mas Jesus lhe explicou que era para Se humilhar mesmo que Ele estava fazendo aquilo, para que eles aprendessem a também se humilharem e servirem aos seus irmãos, como Ele estava lhes servindo.

- O ritual da ceia também deixa isso claro: os diáconos servem os membros; o pastor que está ministrando a ceia serve os diáconos. É o maior servindo o menor. Essa é a lei na igreja. A pirâmide do poder na igreja é invertida, os maiores são os menores.

- Paulo, ao mesmo tempo que defendia a sua qualidade de apóstolo, o maior de todos os ministérios, fazia questão de mostrar que essa condição o tornava um despenseiro, que era o mais simples de todos os escravos (1Co. 4.1: “Que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus”).

- Também é bom frisar que os dons não se tornam parte da nossa própria natureza, ao ponto de não perdê-los, de não nos serem tirados mais. Alguns querem defender essa irrevogabilidade dos dons, alegando o texto de Paulo aos romanos, que diz que “os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento” (Rm. 11.29). Mas basta lermos o versículo anterior para constatarmos que Paulo está falando dos judeus, não de nós. Não podemos achar que somos proprietários absolutos dos dons que recebemos e que nunca os perderemos. Os dons são de Deus; o Espírito nos concede conforme a Sua vontade. Portanto, podemos perdê-los a qualquer momento, conforme a Sua vontade.

Edificando a si mesmo e aos outros:

- Quem fala língua estranha edifica-se a si mesmo (1Co. 14.4). Portanto, em nosso momento devocional (só eu e Deus), devemos falar em línguas, para edificação própria.

- Mas o principal objetivo dos dons é a edificação dos outros. Por isso Paulo advertiu os coríntios de que deviam falar menos em línguas na igreja, usando os demais dons (principalmente o de profecia e o de interpretação de línguas) para que os demais fossem também edificados.

- Até mesmo os não crentes podem e devem ser edificados pelos dons na igreja. Por isso, os crentes devem ter cuidado de empregá-los de forma a não escandalizar os não crentes. E por isso o uso excessivo de línguas na igreja não é recomendado, pois assim o não crente não compreende a mensagem do Evangelho.

Edificar todo o corpo de Cristo:

- O propósito dos dons, que é edificar o corpo de Cristo, só pode ser cumprido se tivermos o amor de Deus em nossa vida.

- É por isso que Paulo, ao tratar dos dons com os coríntios, interrompe o relato que vinha fazendo no capítulo 12 para tratar do “caminho ainda mais excelente” (1Co. 12.31), que é o amor, tratado no capítulo 13, para em seguida voltar a falar dos dons, no capítulo 14.

- O que parece ser uma falta de técnica de Paulo (colocar um assunto no meio do tema que ele estava tratando), na verdade tem uma explicação bastante lógica: os dons são importantes na igreja, mas sem amor eles não valem nada (“seria como o metal que soa ou como o sino que tine” – 1Co. 13.1, referindo-se ao som inexpressivo de um metal sem produzir qualquer melodia musical; ou “nada seria” – 1Co. 13.2; ou “nada disso me aproveitaria” – 1Co. 13.3).

- Portanto, antes de procurar “com zelo os dons espirituais” (1Co. 14.1), o crente deve seguir a caridade, que é o amor colocado em prática. E colocamos o amor em prática justamente pelo exercício dos dons, ministérios e operações que o Senhor pôs à disposição dos Seus servos.

- Devemos edificar o “edifício de Deus” (1Co. 3.9), que é a igreja, mas sempre lembrando que o fundamento já está posto: Jesus Cristo é o fundamento (1Co. 3.11).

- Como “bons despenseiros” (1Pe. 4.10-11), devemos administrar aos outros os dons que recebemos, de forma a edificarmos e alimentarmos o corpo de Cristo. Cada um tem os seus dons, que recebeu, não para si próprio, mas para edificação de todo o corpo de Cristo. Assim como despenseiro não administra a despensa apenas para si, mas para toda a família, da mesma forma nós não podemos usar os dons recebidos de Deus apenas para nós, mas para toda a igreja.

Texto áureo:

1 CORÍNTIOS 14

12 Assim, também vós, como desejais dons espirituais, procurai sobejar neles, para a edificação da igreja.

- Assim como os instrumentos musicais devem tocar claramente cada nota para que a música seja reconhecida, Paulo disse que as palavras devem ser enunciadas no idioma dos ouvintes a fim de serem úteis. Por existirem muitos idiomas no mundo (1Co. 14.10), às vezes, as pessoas não podem entender umas às outras.

- O mesmo ocorre ao se falar em línguas. Embora esse dom seja útil para muitas pessoas tanto na adoração particular como na adoração pública (com interpretação), Paulo afirmou que preferia falar cinco palavras que seus ouvintes pudessem entender do que dez mil que não pudessem (1Co. 14.19).

- Este versículo reitera essencialmente a declaração introdutória do primeiro versículo, a fim de levar a discussão a seu ponto final. Todos os dons espirituais são proveitosos, incluindo o dom de línguas; mas nem todos se revestem de igual importância. Ao buscarem os dons espirituais (ver 1Co. 12.31 e 14.1), os coríntios deveriam deixar de buscar o dom de línguas e abusar dele, porquanto isso causara efeitos prejudiciais a sua comunidade cristã, como meio que era de autoglorificação, além de interromper a comunicabilidade entre os membros da igreja que assim faziam. Portanto, se os crentes de Corinto estivessem genuinamente interessados em buscar os dons espirituais, a profecia deveria ser o seu grande alvo, e não as línguas. Isso é o que o apóstolo dissera nos versículos 1 a 11, e que agora confirma nesta sentença breve e conclusiva.

- O grande teste da contribuição que os nossos dons espirituais podem fazer à igreja é o teste da edificação. Que temos feito para edificar a igreja onde somos membros? Quantas pessoas têm sido levadas a uma maior aproximação a Cristo, por causa do que temos falado e ensinado? O zelo é bom, mas pode mal orientar inocentemente ou propositadamente, com o propósito de exaltação própria.

- A edificação e o teste a ser aplicado. Em sua sabedoria, o apóstolo lhes forneceu um alvo controlador e disciplinador que prove a expressão mais completa e satisfatória para um dom, sem importar qual ele seja. Os coríntios deveriam esforçar-se sobremaneira para edificar a igreja. Esse é o teste prático. Mais do que isso, quando esse teste é satisfeito, as consequências se tornam óbvias para todos. Ninguém, senão os mais totalmente despeitados, poderiam criticar isso. Paulo desenvolve o tema naquilo que é uma das passagens mais notáveis desta epístola.

- Alguns eruditos pensam que Paulo abordava os dons espirituais como diferentes manifestações espirituais, como se representassem certa variedade de espíritos. Outros estudiosos imaginam que essa palavra indicaria emanações da parte do único Espírito. O mais provável é que encontramos aqui o plural, “espíritos”, simplesmente para indicar “dons espirituais”, numa espécie de metonímia, em que o nome de uma coisa é usado para indicar algo diferente, que lhe é associado, ou sugerido pelo mesmo. Seja como for, é muito improvável que Paulo se tenha referido a pluralidade de espíritos em qualquer sentido literal, que devessem ser buscados, como forças espirituais invisíveis; em sentido geral, porém, talvez haja uma alusão pessoal. Nesse caso, é possível que poderes espirituais sejam aqui reputados como personificados, devido ao uso da palavra, sem que seja sugerida a ideia de uma pluralidade de espíritos. Para todos os efeitos práticos, entretanto, os três termos aqui usados (*pneumatica*, *pneumata* e *charismata*) são sinônimos.

- Paulo queria dar a entender que, visto aqueles crentes de Corinto tanto ansiarem pelos dons espirituais que os distinguissem de outros homens, deveriam buscar aqueles dons, como a profecia, que verdadeiramente os distinguiria, visto que através de dons dessa ordem a igreja é verdadeiramente edificada, mediante uma atuação verdadeira de Deus. Se fizessem o que era devido, distinguir-se-iam de veras; mas, se, em seu orgulho, abusassem do dom de línguas, embora pensassem que nisso residiria a sua glória, não passariam de crentes carnais e insensíveis para com as necessidades da comunidade cristã. Eles se tinham degradado. Para reverter isso, precisavam buscar exceder-se na edificação da igreja local.

- A força desta passagem é aquela dada acima: cumpria-lhes buscarem os dons espirituais visando ao benefício alheio, e não tanto para se beneficiarem pessoalmente. Assim serviriam a seus irmãos na fé, no que deveriam abundar mais e mais (ver 1Co. 8.7 e 1Ts. 4.1).

- A edificação é o objetivo mesmo do ofício ministerial (ver Ef. 4.11-12). Com esse propósito é que os dons espirituais nos foram concedidos (ver 1Co. 14.3-5,12). A perfeição e a união com Cristo são os alvos da edificação (ver Ef. 4.16). A autonegação é necessária para seu pleno desenvolvimento (ver 1Co. 10.23,33). Espera-se que os crentes se edifiquem mutuamente (ver Rm. 14.19). Todas as ações efetuadas no seio da igreja precisam ter esse alvo em mira (ver Ef. 4.29).

Texto da leitura bíblica em classe:

1 CORÍNTIOS 12

8 Porque a um, pelo Espírito, é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência;

- Os dons enquadram-se em três divisões naturais: 1) **dons de revelação** (ou dons de saber): são dons que manifestam a sabedoria de Deus; são eles: 1.1) a palavra de sabedoria; 1.2) a palavra de conhecimento (ou palavra da ciência); 1.3) o discernimento de espíritos; 2) **dons de poder** (ou dons de ação): são dons que manifestam o poder de Deus; são eles: 2.1) fé; 2.2) cura; 2.3) operações de milagres; 3) **dons de elocução** (ou dons vocais ou dons de inspiração ou dons de fala): são dons que manifestam a mensagem de Deus; são eles: 3.1) profecia; 3.2) variedade de línguas; 3.3) interpretação de línguas.

- É de se notar que os dons listados por Paulo estão em íntima ligação com os três atributos principais de Deus: 1) os dons de revelação são evidências da onisciência divina; 2) os dons de

poder são evidência da onipotência divina; e 3) os dons de inspiração são evidência da onipresença divina.

- A **palavra de sabedoria** é a revelação sobrenatural, ou percepção, da vontade e propósito divino, mostrando como solucionar algum problema que possa surgir (1Rs. 3.16-28; Mt. 2.20; Lc. 22.10-12; Jo. 2.22-24; Jo. 4.16-19; At. 26.16; At. 27.21-25; 1Co. 5).

- A Bíblia, em várias passagens, valoriza a sabedoria; ver Tg. 1.5 e Pv. 4.5. Sabedoria não se confunde com inteligência, nem com conhecimento vasto; note que a sabedoria está ligada ao coração, não à mente (Ex. 28.3, que é o primeiro texto que fala de sabedoria na Bíblia). Mas o dom da palavra da sabedoria não se refere a essa sabedoria comum. É a operação sobrenatural do Espírito Santo na mente humana, objetivando resolver problemas insolúveis; é uma revelação sobrenatural, pelo Espírito de Deus, de fatos que ainda irão acontecer. Não se trata da sabedoria no sentido natural, comum; é uma dotação especial, extraordinária, para um caso específico.

- O problema insolúvel pode ser no âmbito espiritual, cristão, ou até no âmbito humano, secular. Note que o dom não é de sabedoria, mas de palavra de sabedoria; a expressão “palavra” significa “fragmento, pedaço, parte”; assim a “palavra de sabedoria” é um fragmento, um pedaço, uma parte da sabedoria de Deus; Ele não nos concede toda a Sua sabedoria, já que não necessitamos, mas apenas uma parte dela que nos é suficiente. Assim como um advogado, ou um médico, quando vamos consultá-los, não nos fornece todos os seus conhecimentos jurídicos ou médicos, mas apenas a parte que necessitamos, Deus também não precisa nos dar toda a Sua sabedoria, mas apenas o necessário para resolvermos uma situação específica.

- A sabedoria referida por Tiago (1.5) não se confunde com o dom de palavra da sabedoria; é sabedoria comum, humana, concedida por Deus, assim como foi concedida a Salomão (1Rs. 3.5-12). Mas no caso em que Salomão julgou entre duas supostas mães de um recém-nascido, operou-se o dom da palavra de sabedoria, o que foi reconhecido por todos (1Rs. 3.16-28). O caso de Estevão (At. 6.10) também é de sabedoria comum, concedida por Deus, mas não é de dom da palavra da sabedoria. Há quem veja na solução tomada no Concílio de Jerusalém também a atuação deste dom; idem para a instituição dos diáconos (At. 6.3); mas aqui a situação é a mesma: sabedoria comum, concedida por Deus. Tiago bem distinguiu os diversos tipos de sabedoria (Tg. 3.14-17).

- Eis alguns exemplos de aplicação do dom da palavra de sabedoria: José interpretou o sonho de Faraó e previu os sete anos de fome, aconselhando Faraó a guardar alimentos, sabedoria que foi reconhecida pelo próprio Faraó (Gn. 41.38-39). Ágabo profetizou a fome que estava pra vir (At. 11.28-30), e que de fato ocorreu no tempo de Cláudio César. Ágabo também profetizou o sofrimento de Paulo (At. 21.10-11). Paulo previu a tempestade e a perda do navio em que viajava (At. 27.9-10,23-24,33-34). Vide ainda 1Rs. 11.29-32; 12.20; 13.1-6; 14.1-18.

- A propósito da sabedoria divina, contemple-se o belíssimo poema exclamado por Paulo: “Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Porque quem compreendeu o intento do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro? Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado? Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém!” (Rm. 11.33-36).

- A **palavra de conhecimento** (ou da ciência) é a revelação sobrenatural do conhecimento divino, ou percepção da mente, vontade ou plano divino; e também dos planos dos outros que o

homem não poderia saber de si mesmo (Gn. 1.1-2.25; 1Sm. 3.7-15; 2Rs. 6.8-12; At. 9.11-12; Mt. 16.16; Jo. 1.1-3; At. 5.3-4; At. 21.11; Ef. 3).

- Por meio deste dom, o Espírito Santo habilita uma pessoa a saber de fatos que só pela revelação divina poderiam ser conhecidos. Não se confunde com conhecimento científico, que se aprende nas universidades. Ciência, aqui, é sinônimo de conhecimento, mas trata-se de um conhecimento sobrenatural. Não se confunde nem mesmo com o conhecimento da Palavra de Deus, que se obtém pelo estudo da Bíblia, com auxílio do Espírito Santo.

- Observe-se que aqui também o dom é da “palavra” da ciência, e não da ciência ou do conhecimento, pelas mesmas razões do dom anterior (Deus nos dá apenas um fragmento do seu conhecimento).

- O dom da palavra da ciência distingue-se do dom da palavra da sabedoria porque, neste, o fato revelado é futuro, enquanto no dom da palavra da ciência é passado ou presente.

- Exemplos de aplicação deste dom: Samuel, revelando a Saul que as ovelhas de seu pai já tinham sido encontradas (1Sm. 9.1-6, 18-20). Eliseu, no episódio de Geazi tomando bens de Naamã (2Rs. 5.25-26). Eliseu, revelando ao rei de Israel as emboscadas armadas pelo rei da Síria (2Rs. 6.9-12). Jesus, no caso da mulher samaritana, ao afirmar que ela já tinha tido vários maridos (Jo. 4.5-29). Pedro, no caso de Ananias e Safira (At. 5.3,4). Ver ainda: 1Sm. 9.15,20; 10.22; Eliseu: 2Rs. 5.20,26; 6.8-12; Aias: 1Rs. 14.6; Jesus: Jo. 1.48; Lc. 19.5; Mt. 16.23; Paulo: At. 27.23-25.

9 e a outro, pelo mesmo Espírito, a fé; e a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar;

- O **dom de fé** é a habilidade sobrenatural de crer em Deus sem nenhuma dúvida humana, descrença e raciocínio (Rm. 4.17; Tg. 1.5-8; Mt. 17.20; 21.22; Mc. 9.23; 11.22-24; Hb. 11.6; 12.1-3).

- Todos os cristãos têm fé. Alguns, porém, têm o dom espiritual da fé, o qual é uma medida incomum de confiança no poder de Deus.

- **Dom de curar** é o poder sobrenatural de curar todo tipo de doença sem auxílio humano ou medicamentos (Mc. 16.18; Jo. 14.12; 1Co. 12.9).

10 e a outro, a operação de maravilhas; e a outro, a profecia; e a outro, o dom de discernir os espíritos; e a outro, a variedade de línguas; e a outro, a interpretação das línguas.

- O **dom de operação de maravilhas** é o poder sobrenatural de intervir no curso normal da natureza e contrariar as leis naturais, se necessário (1Co. 12.10,27-31; Hb. 2.3-4; Sl. 107; Ex. 7.10-14.21; 2Rs. 4.1-44; 6.1-7; Mt. 17.20; Mc. 9.23; 11.22-24; Jo. 14.12).

- A **profecia** é a expressão sobrenatural na língua nativa (1Co. 14.3). É um milagre da expressão divina, não concebido pelo pensamento ou raciocínio humano (At. 3.21; 11.28; 21.11; 2Pe. 1.21; 1Co. 14.23-32). Inclui falar com os homens para edificação, exortação e consolo (1Co. 14.3).

- A profecia não é apenas uma previsão sobre o futuro; também pode significar a proclamação da Palavra de Deus com poder. Paulo discutiu o falar em línguas e sua interpretação com mais

detalhes no cap. 14. Não importa quais dons uma pessoa tenha, todos são dados pelo Espírito Santo. Somos responsáveis por usar e aprimorar nossos dons, mas não podemos receber nenhum mérito por aquilo que Deus nos deu gratuitamente.

- O **dom de discernimento dos espíritos** é a revelação sobrenatural, ou percepção da esfera dos espíritos, para detectar os espíritos e seus planos e para ler a mente dos homens (Mt. 9.4; Lc. 13.16; Jo. 2.25; At. 13.9-10; 16.16; 1Tm. 4.1-4; 1Jo. 4.16).

- Discernir é distinguir, estabelecer diferença. Este dom serve para que não sejamos enganados por espíritos malignos ou carnisais. É um dos dons de maior valia para a igreja de nossos dias, em razão da distorção do cristianismo nos últimos dias (1Tm. 4.1). João advertiu para que não crêssemos em qualquer espírito (1Jo. 4.1-3). Exemplos de aplicação deste dom: Paulo, no episódio da jovem de Filipos (At. 16.18); Paulo, quanto a Elimas (At. 13.11). Não se trata de um dom de julgar ou fazer mau juízo de outras pessoas, nem de ler pensamentos; é discernir os espíritos. Também não é um dom para identificação dos demônios; não nos interessa a identidade dos demônios; temos que simplesmente expulsá-los em nome de Jesus.

- O **dom de variedade de línguas** é a expressão em outras línguas que não são conhecidas por quem as fala (Is. 28.11; Mc. 16.17; At. 2.4; 10.44-48; 19.1-7; 1Co. 12.10,28-31; 13.1-3; 14.2,22,26-32).

- A **interpretação de línguas** é a habilidade sobrenatural de interpretar na língua nativa o que foi falado em outras línguas não conhecidas por aquele que as interpreta pelo Espírito (1Co. 14.5,13-15,27-28).

- O autor dos livros mórmons Ômni (1.25) e Alma (9.21) insta com o povo e o rei para que acreditem no dom de línguas e no dom de interpretação de línguas. Ocorre que esses livros foram elaborados, respectivamente, em 323-130 a.C. e 83 a.C. Como poderiam existir tais dons nessa época, se a Bíblia diz que o Espírito Santo e esses dois dons foram concedidos somente no dia de Pentecostes, em 33 d.C.? É importante esclarecer ainda que esses dois dons são exclusivos da época neotestamentária. Todos os demais dons do Espírito se encontram de maneira esporádica no Antigo Testamento, menos esses dois, o que torna impossível, bíblicamente falando, a afirmação dos livros mórmons.

11 Mas um só e o mesmo Espírito opera todas essas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer.

- A palavra “opera” vem do verbo grego *energeo*, que significa operar, trabalhar, produzir, efetuar. É a causa eficaz única, o Espírito de Deus, quem “efetua” todos os dons espirituais. Nada vem do homem, e o homem não serve de causa secundária. Essa é a mesma palavra usada acerca de Deus Pai, no v. 6 deste capítulo; e a mensagem geral é a mesma que aquela bem enfatizada no caso dos três nomes divinos, nos vv. 4 a 6 deste capítulo.

- Há diversidade na operação dos dons espirituais; mas nem mesmo essa diversidade serve de sinal de desunião, visto ser tudo provocado pela mesma e única Causa. Na grande Causa todos esses dons são unidos como se fossem um só, um único efeito; portanto, a unidade essencial e preservada. O exercício dos dons espirituais, pois, não pode servir de base para divisões na igreja, na forma de adoração a “heróis”, na forma de criação de facções etc., porquanto somente o Senhor Jesus deve ser glorificado, não podendo tal glorificação ser atribuída a ninguém mais, a despeito da magnitude dos dons espirituais que alguém usa. Por semelhante modo, um dom

espiritual não pode ser exaltado em detrimento de outro, visto que todos cooperam juntamente para a glória do mesmo Senhor, bem como visam o benefício da comunidade inteira.

- Outrossim, nenhum indivíduo é a causa de seus próprios dons espirituais. Todos eles lhe foram dados; por conseguinte, não há motivo algum de jactância. Com isso se pode comparar o trecho de 1Co. 4.7, que diz: “Porque quem te diferencia? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias como se não o houveras recebido?”. E esse tipo de glorificação humana, tanto do próprio eu como de outras personalidades, paralelamente à degradação de outros crentes não tão favorecidos, que Paulo procurava corrigir; visto que a possessão e o uso dos dons eram a principal razão da altivez de espírito que se tornara tão evidente em Corinto.

- A palavra “coisas” (no grego, *panta*) ocupa posição enfática. O Espírito Santo é quem faz “todas as coisas”. Por conseguinte, toda a glória seja atribuída ao Espírito Santo, e ao Senhor, a quem ele representa.

- Essa fonte originária é o Espírito de Deus. Assim sendo, não há qualquer contradição entre os versículos 6 e 10. O que Deus opera, o Espírito igualmente opera. E nem há qualquer contradição entre os versículos 10 e 31. Nosso anelo intenso pelos melhores dons e uma das coisas que nos capacita a recebê-los, e cada indivíduo recebe-os de conformidade com a intensidade do seu desejo que pode ser cultivado. O Espírito Santo é quem conhece a capacidade de cada crente (ver 1Co. 3.8; 4.7 e 15.23).

- Novamente, em notável contraste com a grande variedade de dons espirituais, é reiterada aqui a fonte comum de todos eles, e de forma enfática. Os crentes de Corinto davam valores diversos a esses dons, segundo a variedade de operação dos mesmos. O apóstolo calcula que o seu valor comum procedia do único Espírito, distribuído segundo a sua vontade. Aqueles que valorizavam os homens para mais ou para menos, segundo esses diversos dons, na realidade, inconscientemente criticavam do doador dos mesmos.

- Glorificar-se alguém em um dom espiritual, com a finalidade de degradar a outros que possuiriam dons supostamente inferiores, é realmente criticar e pôr em dúvida a sabedoria do doador de todos os dons espirituais, porquanto todos esses dons foram ordenados e realizados por vontade do Espírito de Deus.

- Essa atitude do Espírito de repartir os dons é enfatizada pelo escritor aos hebreus: “testificando também Deus com eles, por sinais, e milagres, e várias maravilhas, e dons do Espírito Santo, distribuídos por sua vontade” (Hb. 2.4).

- A expressão “particularmente” pode também ser entendida como “individualmente”. Ou seja, o Espírito reparte os dons individualmente na igreja, dando a cada membro um ou mais dons, que podem não ser dados a outros membros, para que o membro que o recebeu use-o em benefício da coletividade.

- Na execução de sua vontade, o Espírito Santo trata de cada crente individual e apropriadamente. Isso reflete o teísmo, típico do ensino neotestamentário sobre Deus, em contraste com a ideia errônea do deísmo. O deísmo ensina que existe um poder supremo, mas que não mantém interesse algum pela sua criação e nem tem contatos com a mesma, não punindo e nem recompensando as criaturas morais. Em contraste com essa ideia, o teísmo ensina que Deus continua interessado por sua criação, guiando, recompensando ou punindo. Sim, o Espírito Santo determina e age, não arbitrariamente, mas de conformidade com o que cada qual é capaz, deseja e merece, para ser feito no seio da igreja.

- Este versículo, que vincula o Espírito Santo a Deus (ver também o v. 6), defende indiretamente a divindade do Espírito. E a ênfase que recai sobre a sua vontade também demonstra a sua personalidade. O Espírito Santo não é apenas uma mera influência.

1 CORÍNTIOS 13

1 Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.

- O cap. 13 de 1Co. é uma continuação do ensino de Paulo sobre os dons espirituais. Ele enfatiza, aqui, que ter dons espirituais sem amor (caridade), de nada adianta (vv. 1-3). O “caminho ainda mais excelente” (12.31) é o exercício de dons espirituais com amor (vv. 4-8).

- No cap. 12, Paulo deu evidências da falta de amor dos coríntios na utilização dos dons espirituais. No cap. 13 é definido o verdadeiro amor. Já o cap. 14 mostra como o amor opera. O amor é mais importante do que todos os dons espirituais exercitados na igreja. Grande fé, atos de dedicação ou sacrifício e poder de realizar milagres têm pouco efeito se estiverem desprovidos de amor. O amor faz com que nossas ações e dons sejam úteis. Embora as pessoas tenham diferentes dons, o amor está disponível a todos.

- O amor, sendo o único contexto em que os dons espirituais podem cumprir o propósito de Deus, deve ser o princípio predominante em todas as manifestações espirituais. Daí, Paulo exortar os coríntios: “Segui a caridade e procurai com zelo os dons espirituais” (1Co. 14.1). Os crentes devem, com muito zelo, buscar as coisas do Espírito, para que, assim equipados, possam ajudar, consolar e abençoar o próximo neste mundo.

- A igreja *Creciendo en Gracia* usa este versículo para fundamentar a doutrina de que os crentes foram anjos em sua preexistência. Todavia, de modo algum o apóstolo Paulo está falando que os homens foram anjos, mas sobre dois tipos de línguas: a espiritual, dos anjos, e a natural, dos homens.

- Ressaltamos que a palavra “língua”, neste texto, é, no original grego, *glossa*, que se refere a um idioma ou dialeto usado por um grupo particular de pessoas, e não ao idioma falado por outras nações. Ou seja, trata-se de uma língua sublime, superior. Durante todo o capítulo 14 desta carta, Paulo contrasta a língua espiritual (dom de línguas estranhas) com a língua no dialeto natural (do entendimento), por meio das profecias, pregações, louvor etc. Em nenhum momento diz que os seres humanos foram anjos.

2 E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.

- Há pessoas afeitas às práticas religiosas sem qualquer aprovação de Deus. É até possível que nem sejam crentes. Por exemplo, pessoas, que falam em línguas, profetizam, têm conhecimento ou realizam grandes obras da fé, sem, contudo, terem amor, nem a justiça de Cristo. Esses nada são aos olhos de Deus. Diante de Deus, a sua espiritualidade e profissão de fé são vãs (v.1); esses não têm lugar no Reino de Deus (cf. 1Co. 6.9-10).

- Não somente lhes falta a plenitude do Espírito, como também não têm a sua presença habitando neles. As manifestações espirituais que ocorrem neles não provêm de Deus, mas doutro espírito (ver At. 8.21; 1Jo. 4.1). O essencial na autêntica fé cristã é o amor segundo uma ética que não prejudique o próximo e que persevere na lealdade a Cristo e à sua Palavra (ver também 1Co. 13.13).

Referências bibliográficas:

- ARRINGTON, French L. **Comentário bíblico pentecostal – Novo Testamento**, v. 1. 4ª. edição. Editora CPAD, 2009.
- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2ª. edição. Editora Hagnos, v. 4, 2001.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2005.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **O propósito dos dons espirituais**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.
- GILBERTO, Antonio. **Lições bíblicas: Dons Espirituais e Ministeriais: Servindo a Deus e aos homens com poder extraordinário**. Editora CPAD, 2014.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.
- NEVES, Natalino das. **O propósito dos dons espirituais**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides de. **O propósito dos dons espirituais**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.adlondrina.com.br>.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **O propósito dos dons espirituais**. Subsídio publicado no site <http://abimaeljr.wordpress.com>.
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Trad. Degmar Ribas Júnior. 5ª. edição. Editora CPAD, 2009.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Editora CPAD, 2005.